

O encontro do imaginário no diálogo entre a obra *Unheimlich* de Walmor Corrêa e a *Histoire naturelle* de Buffon: uma aproximação entre arte e ciência

*Encountering the Imaginary in the dialogue
between Walmôr Corrêa's Unheimlich and
the Histoire naturelle de Buffon: an approach
between art and science*

MARIA DO CARMO DE FREITAS VENEROSO*

Artigo completo submetido a 30 de dezembro de 2015 e aprovado a 10 de janeiro de 2016.

*Par acadêmico externo da Revista Estúdio. Professora universitária e artista visual.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Departamento de Artes Plásticas. Escola de Belas Artes. Av. Antônio Carlos, 6627. Campus Pampulha. Belo Horizonte, Minas Gerais, Cep: 31270-901, Brasil. E-mail: mcfv@ufmg.br

Resumo: Nesse artigo estabelece-se um diálogo entre o livro de artista Unheimlich: imaginário popular brasileiro (2006) e a obra Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy (1749), do naturalista, matemático e escritor francês Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon. Buscando aproximar arte e ciência, é proposto um diálogo entre Ondina, de Corrêa, e Criança monstruosa pela transposição das víceras, da obra de Buffon, notando-se que, ao mesmo tempo em que a arte se apropria e subverte imagens geradas a partir da observação científica, a ciência utiliza procedimentos artísticos para obter diferentes modos de registro da realidade.

Palavras-chave: Walmor Corrêa / Buffon / arte e ciência.

Abstract: In this article, we establish a dialogue between the artist's book Unheimlich: Brazilian popular imagination (2006) and the naturalist, mathematician and French writer Georges-Louis Leclerc, Comte de Buffon's work Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy (1749). Seeking to approach art and science, it proposes a dialogue between Corrêa's Ondina, and Buffon's Child monstrous by the transposition of the viscera, noting that, while art appropriates and subverts images generated from scientific observation, science uses artistic procedures for different modes to register reality.

Keywords: Walmor Corrêa / Buffon / art and science.

Introdução

A natureza é racional e revelará seus segredos àqueles que aprenderem a ler e a entender sua linguagem.

— Buffon

O maravilhoso nos envolve e nos impregna como a atmosfera; mas nós não o vemos.

— Charles Baudelaire

Esse trabalho integra a pesquisa que desenvolvo atualmente como professora visitante no Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) / UFMG, intitulada “Quanto ao livro”, cuja proposta é aproximar livros de artista e obras raras ou especiais da Coleção de Livros de Artista da Escola de Belas Artes da UFMG, e da Coleção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG, de um ponto de vista transversal, ou seja, através também de atravessamentos entre a arte e outras disciplinas.

Interessa a esse estudo investigar as relações entre arte e ciência, nos locais onde elas se contaminam, como, por exemplo, em certas produções artísticas, que utilizam ou subvertem princípios científicos, e em ilustrações que utilizam princípios estéticos para fins científicos, como no estudo da botânica e da zoologia, nos manuais de História Natural, ou Ciências Naturais e Biologia, entre outros campos. Sabe-se que essas contaminações entre o campo científico e artístico não se limitam a produções recentes em arte e ciência. Desde, pelo

menos, a época das grandes navegações, nota-se a existência desse diálogo nos mapas ou cartas de navegação. Mais tarde, também os artistas viajantes, que acompanhavam expedições científicas, trabalharam nesse limiar entre arte e ciência, produzindo desenhos que, apesar de buscarem captar com objetividade a aparência e características da fauna e da flora de certas regiões, também incluíam traços que eram completados pela sua própria imaginação.

Partindo dessa relação entre arte e ciência, pretende-se investigar de que forma a arte atual se apropria de diferentes representações de animais e da figura humana presentes nas ilustrações científicas, e como isso contribui para a criação de sentido nas obras de artistas contemporâneos. Nesse artigo, será abordado o livro de artista *Unheimlich: imaginário popular brasileiro* (2006), em diálogo com a *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy* (1749), do naturalista, matemático e escritor francês Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon.

1. A invenção da imprensa, os grandes descobrimentos e a “revolução científica”

Nota-se que mapas, bestiários e manuscritos iluminados medievais contribuíram para a construção de representações de animais fantásticos que permaneceriam por muito tempo fazendo parte do imaginário de diferentes povos. O maravilhoso medieval que figura nessas obras não exigia uma decifração imediata, pois era aceito e visualizado como mais uma das coisas que o homem não pode compreender.

O período moderno, geralmente aceito como os séculos de Gutenberg (século XV) a Diderot (século XVIII), assistiu a uma explosão do conhecimento, que se seguiu à invenção da imprensa, aos grandes descobrimentos e à chamada “revolução científica.” As imagens (inclusive mapas e ilustrações) passaram, cada vez mais, a ser tratadas como meios de transmitir conhecimento. Grande foi o impacto produzido pela imprensa e pelo desenvolvimento da gravura no ocidente nesse processo, possibilitando a impressão em massa de textos e imagens.

Peter Burke lembra que “o ideal do ‘homem universal’ já era levado a sério em certos círculos na Itália desde o século XV, e disso é testemunho a *Vida civil*, de Matteo Palmieri, segundo a qual ‘um homem é capaz de aprender muitas coisas e tornar-se universal (*farsi universale*) em muitas artes.’” Assim “saber tudo, ou pelo menos saber alguma coisa sobre tudo, continuou como um ideal ao longo de todo esse período” (Burke, 2003: 81).

No século XVII a chamada “nova filosofia” ou “filosofia mecânica” foi um processo ainda mais autoconsciente de inovação intelectual do que o Renascimento, envolvendo a rejeição tanto da tradição clássica quanto da medieval.

“Essas novas ideias estavam associadas a um movimento em geral conhecido (a despeito de dúvidas crescentes sobre a propriedade do termo) como Revolução Científica” (Burke, 2003: 42). Pode-se dizer que, em torno de 1700, houve um deslocamento do conceito de “curiosidade” para o de “pesquisa”, levando a uma busca por uma maior sistematização do conhecimento. Tudo isso levou a estudos como a história natural das plantas e dos animais, assim como à procura por uma compreensão da história natural do homem.

Percebe-se que o ideal de atingir o conhecimento universal foi sendo gradativamente abandonado e o próprio verbete da *Encyclopédie* sobre as *Gens de lettres* “era mais resignado, declarando que ‘o conhecimento universal não está mais ao alcance do homem’ (*la science universelle n’est plus à la portée de l’homme*). Tudo o que podia ser feito era tentar evitar a especialização estreita incentivando um ‘espírito filosófico’” (Burke, 2003: 82).

2. O encontro do imaginário

Vários são os trabalhos de artistas contemporâneos cujas representações de animais mesclam figuras híbridas, que aludem por vezes ao imaginário medieval, como os animais fantásticos que aparecem em trabalhos como as xilogravuras do nordeste do Brasil, de artistas como Gilvam Samico e Sebastião de Paula, além de J. Borges, com seus cordéis.

Em outros casos, as referências vêm de enciclopédias e manuais científicos, como é o caso das obras do artista brasileiro Walmor Corrêa, natural do estado de Santa Catarina, e radicado no Rio Grande do Sul. Sua obra é permeada por figuras híbridas, que ele trata com o rigor e o requinte das ilustrações que compõem os atlas de anatomia e os livros da assim chamada história natural. Seu trabalho é antecedido pela observação e pela pesquisa em diversas fontes científicas, como livros de anatomia, compêndios e manuais de zoologia, além de consultas a especialistas, e é através dessas pesquisas que ele busca imprimir veracidade aos seus seres imaginários.

No livro de artista *Unheimlich: imaginário popular brasileiro* (2006), Corrêa se apropria de personagens fantásticos provenientes da mitologia popular brasileira, que ele submete a um processo chamado porele de “dissecação do imaginário.”

Trata-se de um livro em grande formato, com capa dura, que simula as capas de couro dos livros antigos. A obra traz a reprodução em *offset* de figuras pintadas em tinta acrílica sobre tela e grafite, de forma tão precisa quanto as figuras representadas em livros de história natural. Nessas pranchas, o desenho mostra e o texto descreve aquilo que está sendo mostrado, seguindo a linguagem técnica das ciências biológicas.

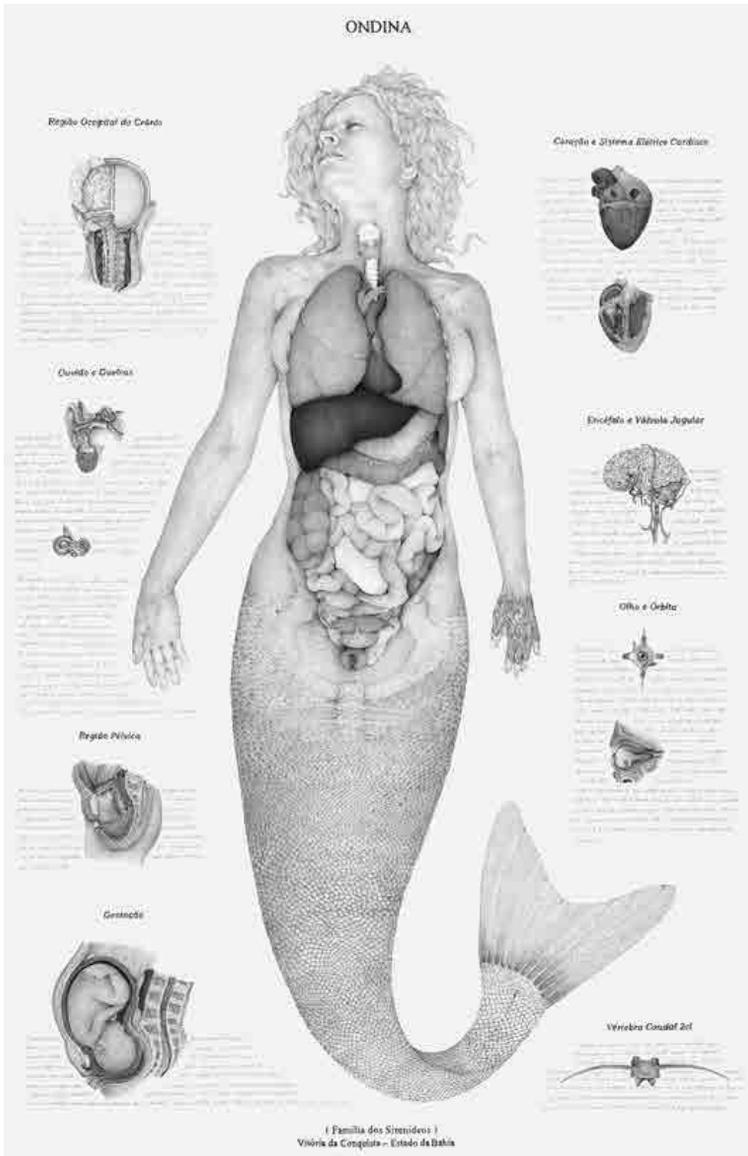


Figura 1 · Walmor Corrêa. *Ondina*, prancha do livro de artista *Unheimlich: imaginário popular brasileiro* (2006). Impressão offset de figuras pintadas em tinta acrílica sobre tela e grafite. Coleção Especial de Livros de Artista da Escola de Belas Artes da UFMG, Brasil.

A série *Unheimlich* foi denominada a partir de um termo usado por Schelling, citado por Freud, para se referir a “tudo o que está destinado a permanecer em segredo, oculto e que tenha saído à luz, vindo à superfície” (Freud, 1988: 224).

O título do livro é complementado pelo subtítulo *imaginário popular brasileiro*, e apresenta criaturas híbridas, imaginárias, que combinam características de diferentes animais, como cachorra da palmeira, ou de humanos e animais, como a sereia e o capelobo. Paralelamente a um estudo de base científica, Corrêa aproxima-se de um etnógrafo ao buscar informações de origem popular, partindo de relatos de moradores das regiões que ainda mantém vivos esses mitos e lendas.

Ondina (Figura 1) (*undina* em latim, de *unda*, onda) nomeia uma das pranchas do livro, fazendo referência a um ser híbrido, metade mulher, metade peixe — uma sereia. Na legenda consta que trata-se de um ser da Família dos Sirenídeos, proveniente de Vitória da Conquista, Estado da Bahia. Novamente o artista segue os protocolos das ilustrações científicas, numa busca de veracidade para suas figuras imaginárias.

A figura central de *Ondina* mostra seus órgãos internos, e é cercada por detalhes de outros órgãos do seu corpo, acompanhados de notas explicativas, manuscritas, descrevendo o que está sendo mostrado no desenho, com a nomenclatura correta dos órgãos e tecidos.

A imagem de *Ondina*, analisada, pode ser aproximada da prancha *Criança monstruosa pela transposição das vísceras* (Figura 2), da *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy*, elaborada pelo naturalista, matemático e escritor francês Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, publicada em 1749, trazendo a descrição e ilustração de peças existentes no gabinete de curiosidades do rei Luiz XVI. Buffon foi intendente do Jardin des Plantes, em Paris, de 1739 a 1788, sendo que, no final da sua vida, o Jardin tinha se tornado o ponto focal das ciências da natureza na Europa e no mundo. Em junho de 1793, ele foi transformado no Museu Nacional de História Natural. Buffon foi o estudioso mais conhecido na sua época e certamente o mais lido. O naturalista teve um importante papel na história da classificação em História Natural, juntamente com Lineu.

Através das informações trazidas na sua *Histoire naturelle* (Figura 3) nota-se que Buffon buscava criar uma metodologia para a disposição das peças nos “Gabinetes”, que ajudariam os estudiosos da chamada História Natural, que ainda se encontrava nos seus primórdios, além de propor a distribuição das coisas em classes, gêneros e espécies (Figura 4).

A prancha VIII, intitulada *Criança monstruosa pela transposição das vísceras*



Figura 2 · Criança monstruosa pela transposição das vísceras, Tomo III, Prancha VIII, p. 204, da *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy* (1749), de Georges-Louis Leclerc, comte de Buffon.

Figura 3 · Folha de rosto da *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy* (1749), de Georges-Louis Leclerc, comte de Buffon.

Figura 4 · Ilustração da *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy* (1749), de Georges-Louis Leclerc, comte de Buffon.

da *Histoire naturelle* apresenta uma figura humana, com a aparência de um bebê, que traz o peito aberto, expondo seus órgãos internos. O bebê é envolto em panjamentos e tem a cabeça jogada para trás, sendo que esse era um padrão utilizado na época para o estudo do corpo humano, que mostra uma tentativa de dar ao desenho um tom artístico, protocolo também usado por Corrêa, em *Ondina*. A prancha citada é detalhadamente descrita por Buffon, que observa: “O tórax e o abdômem da criança estão abertos e vê-se claramente a transposição das vísceras” (NB: tradução dos excertos pela autora, exceto quando indicado de outro modo). Ele explica: “A abertura desse monstro foi feita em 1742 por M. Sue (...), que comunicou à Academia Real de Ciências em 1744 as observações que acabo de reportar (...); essa criança morreu cinco dias depois do seu nascimento. M. Sue não atribui a causa da sua morte ao desarranjo de suas partes internas, ele destaca, ao contrário, que elas todas foram bem formadas”. Dá em seguida o exemplo de um soldado que viveu 72 anos, embora tivesse um deslocamento geral de todas as partes contidas no seu tórax, e no seu ventre, sendo que “M. Morand reconheceu essa espécie de monstruosidade pela abertura de seu corpo” (Buffon, 1752-1805: 205). Nota-se, pois, que é através do desenvolvimento de um método de observação que naturalistas como Buffon contribuem para o estudo e a sistematização desse novo campo de estudos — a História Natural.

Vê-se que a História natural de Buffon afirma a ambição de apresentar um sistema geral da natureza. Essa será qualificada de materialista ou de epicuriana: realmente, Buffon se opõe de maneira radical às “teologias da natureza” que veem em cada ser natural uma prova da existência de Deus e que insiste em todas as suas observações sobre a perfeição e a beleza das criaturas. Para Buffon, Deus está excluído da história natural e o naturalista se preocupa, ao contrário, em identificar as forças materiais que operam: atração e impulsão na física da terra, forças “penetrantes” na física dos corpos vivos, como explica Thierry Hoquet, na sua apresentação dos tomos I a III da *Histoire naturelle*, de Buffon.

Ao compararmos *Ondina*, de Corrêa, à figura da *Histoire Naturelle* de Buffon, descrita acima, percebemos que, ao mesmo tempo em que o artista se apropria e subverte a observação científica como um motivo para suas obras, a ciência utiliza a arte para obter diferentes modos de registro da realidade.

Nota-se que a sereia tem sido objeto de especulação por vários artistas e escritores, através de diferentes abordagens. Enquanto Walmor Corrêa procura dar veracidade à sua sereia, o escritor Maurice Blanchot encara esses seres de outra forma, afirmando que

houve sempre, entre os homens, um esforço pouco nobre para desacreditar as Sereias, acusando-as simplesmente de mentira: mentirosas quando cantavam, enganadoras quando suspiravam, fictícias quando eram tocadas; em suma, inexistentes, de uma inexistência pueril que o bom senso de Ulisses é suficiente para exterminar (Blanchot, 2005: 5).

Blanchot se refere a Ulisses, aquele que venceu as Sereias, porque “a atitude de Ulisses, a espantosa surdez de quem é surdo porque ouve, bastou para comunicar às Sereias um desespero até então reservado aos homens, e para fazer delas, por desespero, belas moças reais, uma única vez reais e dignas de suas promessas”. É assim, pois, que Blanchot, ao mesmo tempo em que torna as Sereias reais, as faz “capazes de desaparecer na verdade e na profundidade de seu canto” (Blanchot, 2005: 5). Já Corrêa busca, através de sua abordagem, humanizar a figura da sereia, ao mesmo tempo em que demonstra essa impossibilidade, devolvendo-a ao campo do imaginário.

Referências

Blanchot, Maurice (2005) *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes., 2005.

Buffon, Georges Louis Leclerc comte de; Daubenton, Louis-Jean-Marie,; Guéneau De Montbéliard, Philibert; & Lacépède, Bernard Germain Étienne comte de (1752-1805) *Histoire Naturelle, Générale et Particulière, avec la description du Cabinet du Roi*. Paris: Imprimerie Royale, 1752-1805. vol. III. [Consult. 2015-12-28] Disponível em <http://www.buffon.cnrs.fr/presentationvol/vol1-3.php>

Buffon, Georges Louis Leclerc comte de; Lacépède, Étienne de. (1825) *Oeuvres complètes de Buffon: enrichies d'une vue générale des progrès de plusieurs branches des sciences naturelles, et mises en ordre*.

Nouvelle édition, orné d'un portrait de l'auteur. Paris: A. Eymery....

Bürke, Peter (2003) *Uma história social do conhecimento*. De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Corrêa, Walmor; Carvalho, Christian (2006) *Unheimlich: imaginário popular brasileiro*. Porto Alegre: Ed. do Autor.

Freud, S. (1988) “O estranho,” in *Obras Completas*, vol. 17. Buenos Aires: Amorrortu Editora.

Hoquet, Thierry. (s/d) *Présentation des tomes I à III de Histoire Naturelle générale et particulière: avec la description du Cabinet du Roy, par Buffon et Daubenton*. [Consult. 2015-12-28]. Disponível em URL: <http://www.buffon.cnrs.fr/presentationvol/vol1-3.php>